

DE LA CADENA, Marisol. 2015. *Earth beings, ecologies of practice across Andean worlds*. Durham: Duke University Press.

Jonathan Echeverri

Professor Associado do Departamento de Antropología/Universidad de Antioquia

jonasecheverri@gmail.com

“*Earth beings, ecologies of practice across Andean worlds*” é uma reflexão transgressora e etnograficamente situada, a respeito dos limites da história e da política. Trata-se de uma tentativa bem sucedida de levar a sério a tarefa de tradução que supõem a etnografia e a teorização antropológica. A autora, Marisol de la Cadena retoma contribuições críticas ao conceito do político de autores como Donna Haraway, Marilyn Strathern, Isabelle Stengers, Rolph Michel Trouillot e Jacques Rancière, e entabula uma conversa entre eles e os mundos onde moram *runakuna* e *tirakuna* (seres terra/*earth beings*) nos Andes peruanos. Em um destes mundos os *runakuna* ocupam um lugar de subordinação que o estado lhes designa, relação mediada pelos indígenas-mestiços do Cuzco. Outro destes mundos é aquele que compartilham e do qual emergem os *tirakuna* e *runakuna*. Este é o mundo que a história e a política não conseguem conhecer e que portanto é representado como inexistente, o confinado à categoria crença.

O livro recolhe histórias (no sentido do termo inglês *story*) nas vidas de Mariano Turpo e seu filho Nazario, ambos *yachaq* (sabedores) e figuras *runakuna* reconhecidas da região do Cuzco e a nível nacional e internacional. O livro é produto de uma profunda amizade desenvolvida ao longo dos anos que aparece refletida no cuidado com o qual a autora contextua, escreve em quechua e traduz ao inglês as palavras de Mariano e Nazario. O texto descreve como estas histórias correspondem a eventos historiográficos, e também dá conta do que tais histórias tem de excessivo e que não é admitido como evidência dentro das lógicas da história nem como reivindicação legítima nos confins da política.

A estrutura do livro se organiza a partir das histórias de Mariano e Nazario Turpo. Está dividido em duas partes que correspondem, a primeira às vivências de Mariano, e a segunda às vivências de Nazario. Os relatos da primeira parte descrevem a vida sob o regime da fazenda Lauramarca, ao qual estiveram submetidos os *runakunas* desta região desde o início do século XX. Os relatos da primeira parte também falam a respeito da luta que Mariano Turpo impulsionou a partir dos anos 1930 para defender os direitos de *runakunas* e *tirakunas* em frente da fazenda. Como consequência dela, ao final dos anos 1960, a fazenda foi dissolvida e substituída por um regime de propriedade coletiva permitindo dar continuidade ao mundo no qual coexistem *runakunas* e *tirakunas*. Uma ferramenta

chave nessas lutas foi a conformação de um arquivo no qual ficaram registradas as arbitrariedades do regime fazendário, assim como a falta de reconhecimento dos direitos dos runakuna e a invisibilidade dos tirakuna aos olhos do estado.

Os relatos da segunda parte descrevem os efeitos do multiculturalismo adotado pelo Peru e outras nações latino-americanas nos anos 1990 e como este influenciou a vida dos Turpo. As políticas multiculturais fizeram possível, ainda que limitado, o acesso dos runakuna a posições do governo local dentro da estrutura estatal. Ditas políticas também propiciaram o *boom* do turismo ecológico e com este a consolidação do xamanismo andino. Este *boom* junto com outras circunstâncias, tais como a prática de Nazario de fazer *despachos* aos tirakuna, lhe permitiram encontrar um emprego como guia-xamã nos circuitos turísticos que percorrem os Andes desde Cuzco. Outro efeito dessas políticas multiculturais foi o surgimento de laços e iniciativas de colaboração entre grupos indígenas a nível continental, que na biografia de Nazario se vem refletidos no seu trabalho no Museu Nacional do Indígena Americano em Washington D. C. onde ele fez parte de um equipe de curadores na montagem da exibição “*Our Universes*”.

As histórias de Mariano e Nazario são contadas em duas versões: uma que corresponde as lógicas letradas da política e a história e outra que inclui os seres terra e sua existência mutua com os runakuna. Fazer visível a diferença e os excessos mútuos que ficam fora no exercício de tradução faz eco a crítica ao conceito de mestiçagem entendido dentro do cânone antropológico como um encontro entre unidades discretas cujos intercâmbios seriam externos às unidades em relação e que misturadas dariam origem a uma terceira unidade que seria o mundo mestiço (30-31). De la Cadena menciona brevemente o conceito de mestiçagem no seu livro. Porém, da sua proposta de análise desprende-se uma ideia de mestiçagem na qual a relação transforma as entidades sem dissolve-las; e a diferença entre estas entidades não desaparece e é analisada como uma forma de conexão.

Além de mostrar como a mutua constituição entre runakuna e tirakuna desafia os limites da política e da história, o livro é também um experimento valioso e transgressor desde o ponto de vista da narrativa, uma vez que procura um diálogo simétrico entre teoria e etnografia. As histórias de Mariano e Nazario, em lugar de ficar confinadas ao espaço da vinheta (comum nas monografias etnográficas) se fazem presentes de diferentes jeitos no texto: aparecem como epígrafes, imbricam-se com a descrição, e interpelam desde as fotografias de pessoas e de documentos de arquivo. As traduções ao quechua não fazem parte do livro respondendo a um formalismo para comprovar a fidelidade da etnógrafa ao respeito do empírico. Trata-se, ao contrário, de encontrar na tradução, além da correspondência plana, uma porta ao impensado que abre o equívoco (no sentido proposto por Viveiros de Castro). Os conceitos aparecem também de modo particular no livro. Eles estão de algum modo etnografiados: são contextualizados como as experiências etnográficas; e as suas lógicas e os seus limites para entender as histórias de Nazario e Mariano são também cuidadosamente explicados.

O livro se conclui pensando criticamente um acontecimento chave no momento atual: a inclusão nas constituições do Equador e da Bolívia dos direitos da Pacha Mama, assim como do conceito de *suma kausay* (bem-viver). A importância desta inovação reside no fato de que a inclusão do mundo natural do universo da política é desafiadora e se transforma num sujeito de debate público. Aportando elementos chaves a esse debate, “*Earth*

*beings: ecologies of practice across Andean worlds*” constitui uma ferramenta nas reivindicações para as atuais lutas dos povos indígenas contra os grandes projetos extrativistas e energéticos além do discurso desgastado da diversidade e do multiculturalismo.

Recebido em 21 jul. 2017.

Aceito em 30 ago. 2017.